

O CÃO QUE LADRA O PODER: UMA ANÁLISE CRÍTICA CÍNICA AO PODER NO HADES LUCIÂNICO

Samuel Rodrigues Montalvão (IC), Edson Arantes Junior* email: edson.arantes@ueg.br

UEG – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Uruaçu

RESUMO: Luciano de Samósata nos oferece um meio para se compreender sua época. A literatura a qual analisaremos, o *Diálogo dos mortos*, requer uma análise literária mas também observamos a necessidade de se enfatizar o contexto cultural e político. Luciano de Samósata é uma voz de crítica sociocultural no século II d.c. Seus textos imbuídos de tons cômicos nos permitem perceber os contrastes existentes na cultura greco-romana e refletirmos as indagações sobre a vida pós-morte e do próprio pensamento filosófico de seu período. A partir disso buscaremos analisar o *Diálogo dos mortos* na tentativa de compreender algumas das críticas que Luciano fazia e a sua própria leitura de seu tempo e cultura.

Palavras-chave: Poder. Identidade greco-romana. Sátira

Introdução

A cultura greco-romana é ao mesmo tempo bela e complexa. Mergulhar na literatura grega escrita sob o domínio do Império Romano é um desafio para os estudos clássicos brasileiros. Temos de compreender os contrastes culturais, em um mundo romanizado, mas que simultaneamente existiam diversos tipos de culturas. Luciano de Samósata sendo um Sírio, constrói narrativas que usam da cultura grega mas que a partir de seus olhar de estrangeiro, se torna um crítico da mesma

Ao integrar o mundo romanizado, fica visível em seus textos a disparidade existente entre toda a herança cultural grega e a realidade social de seu mundo. A partir disso, então Luciano começa escrever críticas utilizando da sátira para ter um melhor acesso aos mais vastos públicos. O tom irônico e descompromissado não seria tão agressivo, de certa forma assim desarmava o leitor/ouvinte pelo riso. Então é que pensamos em analisar o diálogo dos mortos, em que logo perceberemos grandes alvos da crítica luciânica.

Material e Métodos

Tendo em vista compreender como a produção literária luciânica aborda seu contexto, desenvolve-se uma análise dos *Diálogos dos Mortos*, pautado na discussão teórica de diversos autores. A partir daí desenvolve-se uma abordagem que compreenda os objetivos propostos.

Resultados e Discussão

Na presente pesquisa foi desenvolvida leituras que possibilitasse uma compreensão do segundo século depois de Cristo. São diversas fontes que possibilitam a compreensão desse período. No entanto, apesar de usarmos de fontes variadas, enfatizamos a importância de recorrer a literatura da época. Pois, é na literatura que encontramos a expressão de elementos da cultura romana de forma mais destacada. A literatura da época nos abre espaço para caminharmos por seu período.

Para tal compreensão desse período temos a obra de Luciano de Samósata, um autor sírio do período em questão. A partir de uma necessidade de pesquisa que empreendemos analisar o próprio Luciano, mas mais especificamente o *Diálogo dos Mortos*, uma obra literária em forma de diálogo a qual estaremos discutindo a frente. Luciano sem dúvidas, é indispensável para uma compreensão literária da época, em sua obra são encontrados não só elementos de sua cultura, mas também elementos do próprio pensamento greco-romano.

Luciano de Samósata, quem foi? O que sabemos é que, Luciano de Samósata era sírio, que nasceu no segundo século da era cristã, provavelmente em torno de 120 a 125 DC e que viveu até provavelmente 180 DC. Já destacamos a grande complexidade de se entender as próprias origens de Luciano, pois, a questão de identidade no contexto Romano, nos coloca diversos desafios.

Luciano era de uma família de escultores, mas que abandona tal profissão e almeja a carreira da retórica, já demonstrando os anseios do escritor. Luciano desenvolveu um estilo literário que integrava elementos míticos e os relacionava a realidade de sua época. A tradição literária grega foi muito presente em sua formação como escritor, o que muito cedo já o levava a construir uma narrativa de sua própria vida, misturando elementos da cultura grega com a sua própria vida. Lucia Sano ao observar seu abandono da vida de escultor para seguir com a retórica afirma que:

Deixou o posto de aprendiz de escultor pela paideia que o tornou rétor, após ter um sonho em que a própria Paideia personificada o disputava com outra mulher, a Escultura, e sugeria que ele fizesse a troca, enfatizando que isso significaria abandonar uma arte das menos sofisticadas e árduas por outra que lhe renderia muitos frutos. (SANO, 2013: 41)

Luciano ao se tornar de fato um escritor passa a expressar a realidade social em que vivia através de discursos narrativos que abarcavam elementos da sua cultura e que de certa maneira resignificaria as relações sociais de sua época. Luciano desenvolve um estilo muito singular ao seu próprio modo. Apesar de ser sério, estava fortemente ligado a cultura grega, e isso o tornaria um forte crítico em seus dias.

Para se pensar a questão da identidade em sua época, destacamos a princípio a necessidade de abordar o contexto político e cultural do Império Romano do segundo século depois de Cristo. De início então é cabível e pertinente a necessidade de compreendermos minimamente o que foi o Império Romano. Faremos uso da definição de Norberto Luiz Guarinello que expressa em linhas gerais o que foi este Império:

O Império foi o resultado de um lento processo de conquista militar e centralização política, primeiro da cidade de Roma sobre a Itália, depois da própria península sobre as demais regiões que margeiam o Mediterrâneo. Em termos de uma História comparada, poderíamos descrevê-los como correspondendo a uma sociedade camponesa de grande complexidade organizacional, tendo produzido um amplo Estado de conquista. (GUARINELLO, pág. 148)

O problema ao qual nossa pesquisa enfatiza, é o fato de que embora o Império Romano tenha sido caracterizado por uma vasta extensão de terras que agregava poder nas mãos de um Imperador ele não era homogêneo. Dentro do Império Romano existiam diversas sociedades de culturas totalmente distintas da romana, e é aqui que surge um primeiro ponto a destacarmos, a questão da identidade.

Pensar a questão de identidade dentro do Império Romano nos leva a refletir sobre o poder político hegemônico de Roma e os contrastes e disparidades que advinham da existência de diferentes culturas nesse Império. O que nos leva a destacar o que Guarinello enfatiza em seu texto *Império Romano e Identidade Grega*, é a importância da afirmação de uma identidade cultural nesse Império heterogêneo.

A partir da necessidade de autoafirmação enquanto identidade cultural, surge então para o Império Romano a necessidade de se pensar não apenas no domínio político-social mas também em sua própria identidade enquanto Império. O fato é que a identidade cultural acabou servindo como meio de dominação e reafirmação hegemônica do Império.

Isso se desenvolveu a partir de duas matrizes culturais muito fortes, que se dividia segundo Guarinello entre o Ocidente e Oriente do Império. Essas duas identidades culturais se destacavam primeiramente pela língua, onde Ocidente era o Latim e Oriente o Grego.

Na parte ocidental do Império de característica latina, esta, estava mais relacionada a cidade de Roma. Para se conseguir a cidadania romana era necessário a adesão no que concerne aos costumes, vestimentas, literatos romanos e praticamente a identificação com uma origem comum a cidade de Roma.

Na parte oriental do Império Romano se caracterizava por uma forte influência da cultura grega. O oriente do Império possuía cidades e povos com tradições já bem fundamentadas nos costumes e cultura grega, ressaltamos no entanto o caráter elitista do uso do grego. Com as diversidades culturais no oriente romano, a língua grega então adquiriu um caráter fortemente instrumental, que permitia o contato entre diferentes povos nessa região, o que destaca Guarinello:

A cultura grega atuava como uma espécie de sistema cultural de intercâmbio, como uma cultura franca que permitia o contato entre povos e pessoas com substratos culturais próprios e distintos, aos quais se sobrepunha sem anulá-los. (GUARINELLO, pág. 154)

Então aqui percebemos que o Império Romano se desenvolveu como um forte estado expansionista e que abrangia diversas sociedades e que acabou sendo polarizado entre essas duas grandes culturas, a latina e a romana propriamente dita, embora isso não implicasse na exclusão de outras culturas. É aqui então que começamos a compreender o quadro cultural e político do Império Romano.

Como queremos aqui enfatizar o segundo século de nossa era, analisando Luciano de Samósata, foi de extrema relevância apresentarmos que o Império Romano apesar de um poder centralizador possuía uma extensa diversidade cultural. E queremos a partir disso observarmos os choques culturais que existiam enfatizando a crítica ao poder nos textos de Luciano.

A estratégia de Luciano, como já apontamos era de inicialmente utilizar de elementos da sua cultura para torna-los objeto de crítica. Observando o fato que Luciano de Samósata, Sírio, se tornou grego no império Romano, o que demonstra a grande complexidade da identidade cultural do autor. Luciano então:

“ridiculariza os costumes dos gregos”, fazendo rir, entre outras coisas, da sua fabricação dos deuses, da sua intemperança e falta de auto-controle, das ficções de seus poetas e do comportamento presunçoso dos filósofos, cheios de pretensões vãs. (SANO, 2013, pág. 42)

Luciano de Samósata além de uma rica fonte, é um veículo que nos dá acesso a seu tempo. Só de pensarmos a questão de sua identidade cultural nos leva a pensar sobre esses contrastes existentes em seus dias. E como autor ao utilizar de toda uma tradição grega, torna-se então uma fonte para compreensão de sua própria cultura.

O que eram os diálogos luciânicos? Mais especificamente *Os Diálogo dos Mortos*. Como resultado até aqui, *Os Diálogo dos Mortos* são uma série de diálogos entre personagens históricas e míticas em que o pano de fundo é a denúncia da desigualdade social. Nos é dada a oportunidade de vermos personagens da cultura grega dialogando sobre questões da vida. Como afirma Edson Arantes:

Os mortos são despojados dos excessos inúteis para a vida, todavia permanecem com a capacidade de dialogar entre si, além de poder julgar, como vemos em vários momentos com os cínicos. (ARANTES JR, 2008: 265)

O ponto em que para o desenvolvimento da pesquisa nos torna fundamental é compreender que a ênfase dos diálogos é a ideia de isotimia. Ou seja é pensar nos diálogos como uma forma de denúncia mas encarando a abordagem a qual Luciano coloca personagens históricos, ricos e pobres, como afirma Jacyntho Lins Brandão:

Embora a morte seja indesejável, tem ela sobre a vida a vantagem de tratar todos de modo equânime; se há mudança de destino após a morte, isso acontece apenas com relação aos ricos. (Brandão, 1996, pág. 29)

Antes de falar especificamente do *Diálogo dos Mortos*, ressaltamos a necessidade de mencionar a influência cínica de Diógenes, O Cínico, e a valorização deste legado por Luciano. Diógenes viveu em torno de 400 a.C. em Sínope. Diógenes buscou uma vida enfatizando a naturalidade da mesma, com uma leitura de que o necessário a vida era a virtude, como observa M. I. Finley:

Em seu vocabulário, “homem” e “homem bom” eram sinônimos: a virtude era a marca característica da humanidade, a única qualidade que distinguia o homem dos animais. [...] Era essa a meta única de Diógenes: a procura da bondade, da virtude. (FINLEY, M. I., pág.107)

O desapego material e a valorização da bondade estão extremamente presentes nos diálogos Luciânicos. Com já mencionado, estão presentes nos diálogos a articulação da cultura grega e romana se valendo do uso de personagens históricas. A partir disso Luciano utiliza de todos os seus recursos literários como a sátira e o seu domínio da cultura grega para fazer crítica aos problemas sociais de

seus dias, mesmo ridicularizando elementos da sua cultura. O que eram de fato esses diálogos?

Trata-se de quadros dramáticos, geralmente breves, em que várias personagens debatem um problema ou uma situação mais ou menos polêmica ou censurável, num estilo a que hoje chamaríamos «revisteiro» (até na representação possível), mas nem por isso, no seu conjunto, menos profundo. Nos *Diálogos*, Luciano critica sobretudo a mitologia tradicional, a ética dos deuses, mas também os comportamentos humanos. (Diálogo dos mortos, 2007, pág. 193)

O texto já começa com um diálogo entre Diógenes e Pólux. Diógenes está instruindo Pólux a dar um recado a Menipo. E já encontramos nas primeiras linhas expressas o desprezo de Luciano pelo poder como podemos ver:

1] DIÓGENES — Ihe dê este recado: «Ó Menipo, Diógenes convida-te, se já troçaste o bastante das misérias terrenas, a vir cá abaixo, para te rires muitíssimo mais. Sim, que o teu riso, aí na terra, pode, de algum modo, ser injustificado, e muitas vezes se pergunta: 'Quem conhece completamente o que há para além da vida?', ao passo que, cá em baixo, não cessarás de rir com todo o fundamento, como eu agora, sobretudo ao veres os ricos, os sátrapas e os tiranos agora tão reles e tão insignificantes, só reconhecíveis pelas suas lamentações; vê como essas criaturas são frágeis e ignóbeis, a recordarem continuamente a sua vida terrena.» (Luciano de Samósata, pág.199, par. I, 6-15)

Neste trecho vemos expresso já as suas características cínicas de Luciano, o desprezo pelas coisas insignificantes terrenas. E aqui é expresso a falta de sentido na supervalorização do poder. Para Luciano era desnecessário essa alta estima pelo poder e pelas próprias ladainhas filosóficas. Porque para ele, o mundo além vida retira todo o sentido igualando todos os viventes.

Em um outro diálogo, agora Diógenes dialoga com Crates. Vale mencionarmos que o que era mais valioso para os cínicos eram as virtudes, todo o demais não possuía verdadeiro valor e sentido. E Luciano traz isso, valorizando o legado cínico de Diógenes, é valorizado coisas como a sabedoria e a verdade, como podemos ver:

CRATES — Eu não tinha precisão de nada disso, nem tu, Diógenes. O que era mesmo preciso, tu herdaste-o de Antístenes, e eu herdei-o de ti, e era muito melhor e mais estimável que o trono da Pérsia. DIÓGENES — Que é isso de que estás a falar?

CRATES — A sabedoria, a moderação, a verdade, a franqueza e a liberdade.

DIÓGENES — Sim, por Zeus!, recordo-me de ter recebido essa fortuna de Antístenes e de ta ter deixado ainda maior. (Luciano de Samósata, pág. 227, 228, par. III, 7-15)

A grande fundamentação percebida em Luciano de Samósata é a sua incrível ousadia em colocar personagens de sua cultura para dialogarem e servirem como

meio de denúncia e crítica social. A verdade expressa em seus diálogos é que os gregos e romanos de seus dias estava valorizando bens materiais e coisas que não tornam a vida mais digna. Para Luciano que bebera do legado cínico de Diógenes, o que deveria ser usufruído seriam as virtudes.

Em um outro momento, Luciano coloca Diógenes para dialogar com o próprio Alexandre O Grande. O diálogo já começa com Diógenes zombando de seu status de deus, pois, se era mesmo um deus rei, porque estaria no lugar que vão todos os mortais? O próprio poderio de um rei, e sua fama e glória é questionada. Observemos um trecho do diálogo:

Mas teria todo o gosto em que me informasses de uma coisa, de como suportas, ao meditar nisso, a ideia da grande felicidade que abandonaste ao chegar aqui: guardas de corpo, escudeiros, sátrapas, tanto ouro, povos que te adoravam, Babilônia e Bactras, as enormes feras, a honra e a glória, os cortejos triunfais, em que tu seguias à frente, com uma fita branca na cabeça e um manto de púrpura. Quando te lembras disso, não ficas triste? (Luciano de Samósata, pág. 234, par. 4, 1-8)

O Hades destrona todo rei. Luciano aqui demonstra que a isotimia é o perfeito estado do Hades. Ele expressa sua crítica as riquezas e ao poder demonstrando como ao morrer todo mortal é desposado de seus poder, honra, glória e riquezas. O que demonstra a desnecessária valorização de coisas que não fosse a riqueza, quem menos tem de material, menos tem a perder.

Considerações Finais

O que podemos compreender da obra Luciânica, e mais estritamente do texto analisado em questão, O diálogo dos mortos, é que o autor buscava em sua herança helenizada caminhos que possibilitassem estabelecer críticas ao poder em sua época. O mais irônico e interessante nos diálogos é que Luciano teve a capacidade de não só utilizar personagens históricas mas também teve a capacidade de articular e debater sobre o próprio pensamento destes.

E o diálogo dos mortos vem demonstrar como a morte desposa todo orgulho e poder. Pegando os personagens mais adorados pela cultura grega e demonstrando a tolice que era a vaidade por coisas que não eram virtuosas. O fato é que o bem material e o poder que os ricos e tiranos se orgulhavam na verdade eram fardos que o povo grego carregavam, e tolamente perderiam após a morte.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço especialmente meu professor e orientador Edson Arantes Junior pela oportunidade de estar mais uma vez desenvolvendo estudos e contribuindo para minha formação. E com muita alegria agradeço a minhas colegas de pesquisa.

Referências

Luciano de Samósata, séc. II. *Diálogos dos mortos : versão bilíngue grego / Luciano*; tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco. – São Paulo: Palas Athena : Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANO, Lucia. *Luciano de Samósata: Uma introdução*. In Oliva Neto et ali (orgs) *Hellenistica*. São Paulo: Humanistas, 2013, pág. 37-58.

ARANTES JUNIOR, Edson. *Usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano (séc. II D.C.)* Goiânia, UFG: 2014 (tese de doutorado).

ARANTES JUNIOR, Edson. *Diálogos Dos Mortos Sobre Os Vivos: Uma Crítica Luciânica À Cerimônia De Apoteose Do Imperador Romano* / Revista Mosaico, v.1, n.2. – 2008.

FLORES JUNIOR, Olimar. Luciano e o Cinismo: O caso Alcidas. *NUNTIUS ANTIQUUS: revista de estudos antigos e medievais*, v.6, 2010 – Belo Horizonte.

FINLEY, M. I. Diógenes, o Cínico. In. _____ . *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, pág. 105 -118.

NAVIA, Luis E. *Diógenes, o Cínico*. São Paulo : Odysseus Editora, 2009.